

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM JAMES CAAN
13 de setembro de 2022

MISERY/ 1990

Misery, o Capítulo Final

Um filme de Rob Reiner

Realização: Rob Reiner/ **Argumento:** William Goldman, segundo o romance de Stephen King/ **Fotografia:** Barry Sonnenfeld/ **Direção Artística:** Norman Garwood/ **Montagem:** Robert Leighton/ **Música:** Marc Shaiman/ **Intérpretes:** James Caan (Paul Sheldon), Kathy Bates (Annie Wilkes), Richard Farnsworth (Buster), Francês Sternhagen (Virgínia), Lauren Bacall (Márcia Sindell), Graham Jarvis (Libby), Jerry potter (Pete), etc.

Produção: / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida versão original legendada em português/ **Duração:** 107 minutos/ **Estreia Mundial:** Estados Unidos, em 30 de Novembro de 1990/ **Estreia em Portugal:** cinemas Amoreiras, Alfa e S. Jorge, em 24 de Maio de 1991.

Talvez não haja escritor mais adaptado ao cinema (e televisão) do que Stephen King. É claro que a qualidade é bastante desigual, mas, mesmo assim, pode orgulhar-se de contar com uma boa série de excelentes adaptações e, aqui e além, mesmo uma obra-prima. Entre essas adaptações destacam-se filmes como **Dead Zone/Zona de Perigo**, de David Cronenberg e **The Shining**, de Stanley Kubrick. **Misery**, dirigido por Rob Reiner, não faz má figura ao pé deles.

Entre **The Shining** e **Misery** há algumas aproximações. Em ambos os casos estamos diante de um escritor face a uma crise e em processo de criação. Mas se o bloco criativo, a «impotência» e «paralisia» das personagens, diferem de um para o outro, na verdade **Misery** é uma espécie de materialização das frustrações psicológicas da personagem de **The Shining**. Aqui, essas frustrações, sendo de origem mental, levam a personagem à loucura. Em **Misery**, sendo elas reais e impostas de fora (por outro), elas acabam por reverter, após longo sofrimento, a favor da personagem do escritor. **Misery** poderia ser a «ilustração» irónica do que habitualmente se diz sobre as «dores» de «parto» do escritor para «dar à luz» uma nova obra.

Misery é a sexta longa-metragem de Rob Reiner, que em tempos fora o inesquecível «Meathead» da série televisiva «All in the Family», passado à realização nos anos 80. **Misery** culmina uma série de filmes prometedores que fizeram de Reiner um dos cineastas mais interessantes desse década, começando por **Stand By Me/Conta Comigo**, e passando ao notável e insólito **The Princess Bride/A Princesa Prometida**, para culminar no sucesso de bilheteira, **When Harry Met Sally/Um Amor Inevitável**.

Destaque que **Stand By Me** era já uma adaptação de Stephen King (o conto «The Body»), e entre este e **Misery** dá-se uma espécie de continuidade, especialmente na forma narrativa escolhida, como se o narrador do primeiro (Richard Dreyfuss), um escritor de sucesso que evoca o seu passado de criança e a descoberta de um cadáver no bosque, se prolongasse na personagem do escritor de **Misery** e do seu encontro, muito mais sinistro, com uma fã em adulto.

Misery é o nome de uma personagem de ficção criada por Paul Sheldon (James Caan) numa série muito popular e de sucesso. Mas Sheldon decidiu pôr fim às aventuras de Misery e dedicar-se a outro tipo de escrita. O filme começa com o resultado dessa mudança. Sheldon inscreve manualmente a palavra «end» no romance que terminara ao fim de alguns meses de solidão numa região quase deserta. Solitário, comemora o acontecimento da forma habitual: uma garrafa de champanhe, e a respectiva flute ao lado, um cigarro e um fósforo para o acender. Feito isto, coloca o trabalho numa pasta e parte de regresso à cidade. No caminho, porém, é apanhado por uma forte tempestade de neve que provoca um acidente. Ferido e inconsciente, Sheldon morreria enregelado se um vulto misterioso não se aproximasse e o retirasse dos destroços do carro, levando-o para uma casa isolada, onde acorda confortavelmente acamado e tratado. Quem o descobrira fora Annie Wilkes (Kathy Bates, na sua mais famosa interpretação, que lhe valeu um Óscar da Academia), uma enfermeira retirada que se revela a admiradora n.º 1 de Sheldon, possuindo todos os seus livros, lidos e relidos, e grande fã da sua criação «Misery». Perante esta situação, como poderia Sheldon recusar a Annie a leitura da sua última obra, ainda não publicada? Da desilusão, ao ver o destino de Misery, se faz o resto da trama do filme de Rob Reiner. Apostada a obrigar Sheldon a escrever segundo a norma habitual, Annie destrói os papéis e obriga-o a escrever um novo romance, enquanto Sheldon procura, por qualquer meio, libertar-se da prisão em que se encontra. Para o impedir, Annie recorre a meios drásticos, na cena mais impressionante do filme e de que muito se falou então: partindo-lhe as pernas com um martelo (de qualquer modo há já uma certa diferença em relação ao original de King, em que a operação é feita com... um machado!). O jogo de gato e rato que se segue é um dos mais dramáticos do cinema de então, para culminar num confronto de verdadeiro horror.

Singularmente, um filme quase de «horror», comporta muito pouco «sangue» e não muito horror (basta a sequência final). Reiner explora por um lado o humor, para atenuar a situação dramática, tanto no que se refere à relação de Annie e Sheldon (durante parte do começo) como com a introdução de duas personagens secundárias que, de vez em quando, invadem a cena: o xerife e a sua mulher, com os comentários aos livros de Sheldon que o primeiro se acha obrigado a ler na investigação do desaparecimento do escritor (a relação dos dois evocam, em certa medida, o casal de **Fargo**, de Joel & Ethan Coen: a xerife e o marido). Aliás, o que interessa aqui, talvez seja, antes de mais, o tom de fábula (ou de metáfora, como queiram) sobre o processo de criação de uma obra. No final, face à sua editora, Sheldon acaba por dizer que o livro, que escreveu sob aquela pressão, talvez tenha sido o melhor da sua carreira.

Manuel Cintra Ferreira